



DERMILSON ANDRADE

Paixão
DE UM **PESCADOR**
uma história de ciranda

CULTURA



Edições
Governo do Estado

P*aixão de um pescador: uma história de ci-
randa* é um livro simples, mas que nos faz
pensar sobre o amor, nos faz refletir sobre os
encontros e desencontros da vida.

O tema amor é recorrente ao longo da história da humanidade e, em alguns momentos, quase que apagado, entretanto, aqui sobressai traçando feições de um amor cortês – trovadoresco, não deixando de ser também romântico, posto que há uma dicotomia entre os personagens muito perceptível tanto na condição social, quanto no comportamento que cada um deles apresenta.

Essa *Paixão* tem ritmo, passos e coreografia de histórias puramente cabocla em que nem tudo tem seu final feliz, mas não é só isso. Ela nos leva a emaranhados de situações que tem a ver com as surpresas que reserva os nossos igapós tão bem conhecidos por Manelinho.

O que o autor nos coloca ainda, é que Manelinho não queria viver um simples momento sem compromisso futuro, sem cumplicidade, sem emoção, sem responsabilidade. Ao contrário, desejava construir uma vida alicerçada em suas verdades, recheada de suas histórias. Mas como ele, um simples pescador, poderia ter Constância por namorada? Como Manelinho conseguia dominar seu comportamento? O que fez ele para aproximar-se da mulher amada?

Constância era o sonho inatingível de Manelinho, mas o autor, com grande maestria, o tornou possível, extraindo de uma dança praieira esse enredo magnífico cheio de *causos* de nossa região.





Paixão
DE UM PESCADOR

uma história de ciranda



**GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS**

JOSÉ MELO
Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA
Secretário de Estado de Cultura

**ELIZABETH CANTANHEDE
MIMOSA PAIVA**
Secretárias Executivas

ANTÔNIO AUSIER RAMOS
Diretor do Departamento de Literatura

**KARLA COLARES
JAIR JACQMONT**
Assessores de Marketing

**Secretaria de
Estado de Cultura**

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1367
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
culturamazonas.am.gov.br

Dermilson Andrade

Paixão
PESCADOR

DE UM

uma história de ciranda

CULTURA



Edições
Governo do Estado

© Dermilson Andrade, 2012

EDITOR Antônio Ausier Ramos

COORDENAÇÃO EDITORIAL Jeordane Oliveira de Andrade

CAPA E PROJETO GRÁFICO Angelo Lopes

FINALIZAÇÃO André Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Gráfica Moderna

REVISÃO Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO Ediana Palma

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA Luiz Felipe | Karla Colares

A553p Andrade, Dermilson.

Paixão de um pescador: uma história de ciranda / Dermilson Andrade. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

78p. ; 15x21cm.
Inclui Notas do Autor.
Epílogo.

ISBN 978-85-64218-55-0

1. Romance. 2. História – Ciranda. 3. Amazonas. I. Título.

CDD 869.3085
CDU 82-31:793.31



"A contação de histórias é das mais antigas tradições que se tem notícia entre os povos. Ela serve para repassar conhecimento, trocar experiências e perpetuar culturas. Antes mesmo do homem desenvolver a escrita, a oralidade já servia para ilustrar o dia-a-dia, recordar o passado e dar asas à imaginação. Os livros, portanto, são a concretização dessa tradicional arte de disseminar o saber. Daí a importância da leitura para o povo. Porque só o conhecimento liberta, nos faz crescer e nos faz acreditar em um mundo melhor."

José Melo
Governador do Amazonas

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de uso acadêmico deste e-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a) e a Edições Governo do Estado.



SUMÁRIO

CAPÍTULO I

A paixão de manelinho 11

CAPÍTULO II

Bravura de um pescador 25

CAPÍTULO III

O casamento de constância e manelinho 35

CAPÍTULO IV

O fruto de uma grande paixão 41

CAPÍTULO V

A morte do carão 47

CAPÍTULO VI

Solidão de um pescador 61

| Notas do autor

Essa história talvez seja parecida com muitas que já tenham sido contadas, porém o que a torna diferente das demais é a força e a magia que seus personagens, ainda nos dias atuais, demonstram ter, entranhando-se em nossas almas.

Essa magia torna-se cada vez mais surpreendente, quando damos conta da dimensão que alcançou, tornando-se cada vez mais viva no imaginário de nossa gente.

No ciclo de vida desse imaginário, vemos o marco maior: SIM-PLI-CI-DA-DE. Simplicidade essa que podemos encontrar no cheiro de terra, essência viva, subtraída das almas caboclas; nos mistérios da linda e cortejadora selva e todos os seus encantos; no luar, que com sua luz reflete o clamor dos ímpetos sonhadores embebedados de nostalgias e incertezas; nas espumas dos rios que vagam sorrateiramente por entre as clareiras da vida, nos mostrando o murmúrio misterioso de nossas juvenis lembranças, e no vento vadio que sopra nos trazendo as renovadoras esperanças, nos transportando ao porto seguro das razões que nos levam ao verbo AMAR.

Assim, aglutinados num espaço de tempo, no jaz do hoje, somos o amanhã.

SOU CABOCLO

*Sou caboclo e meu cheiro é de terra
Sou mistério da selva
Sou luar sou canção
Sou espuma que vaga nos rios
Sou o vento vadio
Sou porto sou sonho
Dos que sabem amar*

*Sou caboclo e meu cheiro é de terra
Entranhado no tempo
No hoje sou o amanhã
Sou a voz muitas vezes sofrida
Que ecoa incontida
O trovar da esperança
Dos que sabem lutar*

*Sou mura sou manacá
Essa flor que rebenta em encantos
Sou a vida que sopra serena
Cobiça dos homens de lá.**

CAPÍTULO I

A PAIXÃO DE MANELINHO

*Seu Manelinho quando veio de Tefé (bis)
Carregadinho de açúcar e de café (bis)
Se ele bebe, ele fica chirrado
Cai embaixo meu bem, bem baixo
Escorrega em cima, meu bem, bem em cima
Ai dom-dom, ai dom-dom,
Seu Mané já chegou, já chegou de Tefé.*

O galo canta o despertar de mais um dia. O sol, por sua vez, desempenha seu papel rotineiro, já se mostrando radiante no horizonte. Assim como ele, Manelinho, o maior pescador da região, também se encontra de pé, sob seus primeiros raios.

Ele pega o arpão, a malhadeira, o caniço e sai cortando as águas do Lago do Piranha.

Manelinho era pura imaginação! Famoso na redondeza por suas grandes estórias. Ele costumava, onde quer que fosse, contar uma delas. Para ele, a mais especial de todas era um “causo” sobre uma linda e formosa dama que nem mesmo as maravilhas encontradas nos quatro cantos do mundo comparavam-se a tamanha formosura.

Era a mais bela inspiração, dádiva da abençoada mãe natureza, e que teria, um dia, enfeitiçado seu coração aventureiro. Seu nome: *Constância*.

Constância, linda jovem de formosura jamais vista, trazia em seu semblante o brilho radiante do sol, embaraçando e ofuscando a mente de todos aqueles que se deparasse com sua estonteante beleza. Guardava em seus olhos os encantos e os mistérios da noite; sua pele continha a suavidade da brisa matinal, e as plumas da mungubeira não eram tão macias e suaves quanto suas volumosas mechas de cabelos, que deslizavam sobre seu lindo dorso de mulher.

Manelinho, então, contagiado e preso por tamanha exuberância, não tinha nenhuma dúvida: aquela majestosa dama era o porto seguro para o seu coração vadio, aventureiro e sem paradeiro.

Constância era filha de um grande seringalista, possuidor de negócios em algumas localidades do rio Solimões. José Silvestre era sua graça, porém muito mais conhecido como Coronel Silvestre, título comum aos proprietários de seringais por aquelas bandas.

Segundo Manelinho, Silvestre era um homem sereno e de bom coração. Foi um dos pouquíssimos seringueiros que conseguiu ascender com os negócios da borracha. Por isso, tendo ciência do grande sofrimento pelo qual passava aquele povo, demonstrava grande respeito e consideração a todos que trabalhavam em seus seringais, respeito esse que contrastava frente a outros tantos coronéis, onde a perversidade por parte desses era tanta, que assassinatos de seus empregados eram algo corriqueiro à época.

E essa era uma das razões que o tornava muito respeitado pelos que tiveram a sorte de conviver com sua pessoa.

Silvestre tinha muitas outras características marcantes que o tornavam ainda mais admirável. Por exemplo: era um grande amante e conhecedor da cultura de sua gente, e onde quer que

fosse, procurava cada vez mais absorver e transmitir esses conhecimentos.

Uma das expressões culturais de que mais gostava era uma brincadeira de roda denominada Ciranda. Brincadeira essa originária das Arábias e de Portugal e que fez sua morada no Nordeste. Foi trazida para essas bandas, mas precisamente à vila de Ega, hoje Tefé, por um mulato pernambucano por nome Antônio Felício, migrante que, como Silvestre, aqui veio também motivado pelos lucros da *Hevea brasiliensis*, ou seja, das seringueiras.

Porém, toda a placidez de Silvestre não o impedia de botar pra correr aqueles que ousassem cortejar, sem sua permissão, sua única e bela filha Constância, a quem dispensava todos os cuidados e atenção.

GIRA A RODA, RODA GIRA

*Gira, gira a roda, roda gira
Nessa roda da esperança
Gira a roda, roda gira
Nesse sonho de criança*

*Essa gente tá dizendo que Tefé tem a nobreza
Desfilando pelas ruas exibindo sua riqueza
Essa gente tá dizendo, mas parece brincadeira
Que Nogueira usa chita, êta gente fofoqueira*

*Ciranda, cirandinha
Foi Tefé que viu nascer
Eu também brinquei ciranda
Pro meu sonho acontecer (bis)*

*Essa gente tá dizendo que a ciranda já cresceu
No jardim da fantasia uma flor apareceu
Essa gente tá sorrindo colorindo o festival
É a ciranda matizada levantando meu astral.***

Constância, como toda jovem de sua idade, tinha sonhos e devaneios românticos. Sonhava que um dia apareceria em seu caminho um belo e destemido cavaleiro, que seria dono de seu coração e a levaria pelos caminhos dos sonhos e da paixão. E assim ficava horas com o olhar perdido no além, à espera desse grande amor.

Manelinho, ao especular por Constância, teria ouvido falar em diversos tipos de histórias sobre ela, das mais comuns às mais inverossímeis.

Havia histórias, por exemplo, que falavam de jovens de grande garbo e prestígio social, pretendentes à sua mão ou ao seu coração, que já teriam sido rejeitados por ela sem nenhum tipo de cerimônia.

Outras falavam de pretendentes que teriam sido postos “pra correr” pelo Coronel Silvestre por não terem demonstrado o devido respeito à sua filha.

Havia ainda histórias fantasiosas nas quais diziam que Constância deveria possuir algum tipo de encantamento, pois, de tantos rapazes que já haviam lhe cortejado, ninguém conseguira despertar admiração nela. E olhe que não foram poucos, eles vinham de todos os lados, dos seringais, das vilas e cidades. Constância, no entanto, mantinha-se inatingível.

Por isso, acreditava-se no tal encantamento que impedia que ela fosse conquistada. Quando o encantamento fosse quebrado, as portas de seu coração estariam abertas e ela poderia, enfim, entregar-se ao amor.

Todas essas especulações talvez tenham sido criadas para justificar a incompetência daqueles que não conseguiram fazer com que o Cupido flechasse o coração dessa linda e formosa dama.

Mais difícil ainda que conquistar o amor de Constância era despertar a simpatia do Coronel.

Manelinho, entretanto, estava disposto a enfrentar esses dois grandes desafios. Faria tudo o que fosse possível para conquistar aquele coração sonhador. Porém, como impressionar aquela jovem? Como se fazer presente em seus sonhos e despertar em seu coração algum tipo de sentimento à sua pessoa?

Assim, ficava horas interrogando-se, em busca de algum tipo de resposta que pudesse ajudá-lo a concretizar seus objetivos.

* * *

*Minha cabeça me dói (bis)
Meu corpo doença tem (bis)
Mandei chamar seu Honorato (bis)
Para ver onde é que dói
Aqui é que me dói
Aqui é que me dói
Aqui é que me dói...*

Manelinho, certo dia, ao voltar de uma de suas pescarias, passou em frente a uma humilde moradia, e algo prendeu sua atenção: era um ritual de descarrego feito por “pai” Honorato. Ele ficou contemplando e matutando a respeito daquela cena. Foi então que, de repente, uma luz clareou sua mente.

– Por que não pedir uma ajudinha do além para conquistar o amor de Constância! – exclamou ele convencidamente.

Honorato, mulato pernambucano que também chegou por essas paragens como tantos outros aliciados pelo grande e promissor apogeu da borracha na Amazônia, era homem de expressão serena e de atitude equilibrada, e com esse equilíbrio conduzia seus trabalhos de curandeirismo e pajelança. Conhecia como ninguém os efeitos benéficos das ervas medicinais encontradas no mundo nativo.

Toda essa competência mítica de Honorato teria vindo da junção das experiências que trouxera consigo dos terreiros de Candomblé com os ensinamentos obtidos por meio da convivência com os nativos da região amazônica. Assim, utilizava seus conhecimentos na cura dos males e doenças dos moradores dos seringais.

Honorato era, de certa forma, o médico do lugar, tendo em vista que por aquelas bandas não se via um sequer que pudesse aliviar as dores e os sofrimentos dos que de ajuda necessitavam.

Era bastante admirado e respeitado, por cuidar das enfermidades do corpo e também das almas desequilibradas das pessoas.

Manelinho e Honorato eram grandes amigos. Tinham se conhecido quando Mané apareceu por aquelas bandas com uma febre terrível causada por um ferimento que, segundo ele, teria sido feito por um projétil boliviano, na luta armada pela conquista do Acre. Desertara da batalha, ferido. Ficara sabendo da fama de Honorato e viera à sua procura. Honorato então o ajudara a ficar curado.

Assim, toda vez que ele tinha qualquer dificuldade, buscava logo os conselhos do amigo e, daquela vez, não fora diferente. Foi até Honorato para um dedinho de prosa. Aproveita para falar-lhe do grande sentimento que pairava em seu coração e que estava tirando-lhe o sossego.

Honorato, por sua vez, o aconselha dizendo:

– Ora Manelinho, vá até ela e conte tudo. Fale desse sentimento tão bonito que existe em você. Garanto que com a lábria que você tem essa dama logo, logo estará em seus braços.

– Mas Honorato! – exclama demonstrando tensão em suas palavras – as coisas não são tão simples assim! Você não sabe das histórias que ouvi sobre aqueles que tentaram conquistar essa mulher!

Honorato então o interrompe:

– E o que você pretende realmente que eu faça, Mané? Os conselhos que posso lhe dar são esses: você tenha coragem e se declare, homem!

Manelinho então, com todo cuidado de quem vai pedir algo muito difícil de ser atendido, fala:

– Bem, Honorato... Vou direto ao assunto: como você é uma pessoa de muitos dotes, muitas simpatias e, ainda por cima, mexe com as coisas do além, achei que poderias me dar uma forcinha nisso tudo. Quem sabe você pudesse fazer uns trabalhinhos que me levassem ao coração de Constância.

Honorato seriamente se dirige a ele:

– Ouça bem, meu amigo, não se pode ficar por aí brincando assim com as coisas desconhecidas dessa forma. Isso que estás me pedindo é muito sério, mexe com o sobrenatural. Eu não tenho o total controle sobre isso e não se sabe ao certo onde pode levar. Quer um conselho verdadeiro desse seu irmão?

– Claro, Honorato! Mas saiba que não estou brincando como, talvez, pense. Os sentimentos que trago aqui dentro são puramente verdadeiros.

– Desculpa! Não foi minha intenção magoar, mas esqueça esse jeito de ficar querendo resolver as coisas dessa maneira. Tu és um rapaz engraçado, brincalhão e que tem um enorme poder de conquistar a todos que de ti se aproximam. Use então esse poder para chegar junto à Constância e conquistar seu coração. Confiança é o que está faltando. Coragem, amigo!

Manelinho, no entanto, diz angustiado:

– Ora, Honorato, as pessoas só me acham divertido! Daí então para chegar ao coração de Constância, desse jeito, é uma outra história. Saiba que já pensei em várias maneiras. Já busquei muitas formas de me aproximar dessa mulher, mas sempre volto onde comecei, e me vejo assim, impossibilitado diante de tantos obstáculos rumo ao seu coração.

Honorato continua falando, tentando convencê-lo a buscar outra solução, só que agora mais comedido, pois Manelinho encontra-se, a essas alturas, já bastante aflito, emotivo.

– Homem, isso que me pedes é muito complicado, vai de encontro a meus princípios. Não tenho o direito de interferir assim no destino de ninguém, apesar das suas boas intenções...

Porém, quando a paixão oculta à razão, não existe racionalidade, tudo se torna impulsos momentâneos, devaneios loucos e abstratos que o coração insiste em oferecer sem nenhuma cerimônia. Manelinho, assim, deixando-se levar por esses sentimentos

despeja ainda mais toda sua agonia nas mãos de Honorato, mas agora com os olhos lacrimejantes e com ofegante respiração.

– Minha vida, Honorato, já não tem mais sentido, não tem sabor, pois desde que me vi assim, inteiramente apaixonado, e sem ideia de como concretizar esse amor, o mundo inteiro perdeu sua cor. Dói demais aqui dentro do peito. Essa dor é tamanha, que nem várias ferroadas de “arraias” juntas se comparam ao que sinto.

Manelinho faz uma pausa momentânea, levanta a cabeça, olha para o céu e continua:

– Acho que já cheguei ao limite, amigo. Não consigo mais encarar as coisas de frente. Estou exilado em mim mesmo. Meu peito lateja pela ausência dessa mulher. Pelo amor que tens nas coisas sublimes, Honorato, ajuda-me a sair dessa agonia que tanto me tortura.

O certo é que, pelo amor à Constância, ele estava disposto a qualquer sacrifício. Pai Honorato, ao perceber tanta angústia, tanta solidão em seu amigo, convenceu-se de que, daquela vez, Manelinho era pura verdade. E apesar de suas convicções a respeito de mexer com as coisas do além, decide ajudá-lo.

Honorato, no entanto, o adverte dos perigos que poderiam surgir ao mexer com as coisas ocultas, e deixa bastante claro das consequências que tal ato poderia trazer, pois apesar de suas experiências místicas, nunca tinha feito algo de tamanha complexidade. Sendo assim, não poderia assegurar o êxito daquela árdua missão.

Honorato pede que ele o procure em noite de lua cheia para então começar os preparativos para aquilo que, de certa forma, seria o desafio maior de sua vida.

Os dias seguintes pareceram eternos para Manelinho. Ele já não desgrudava os olhos do céu, esperando que tal lua despontasse. Sua agonia só chegou ao fim quando finalmente esse

esperado momento chega. Ele então procura Pai Honorato para juntos começarem os trabalhos.

Depois de horas de simpatias, rezas e orações, Honorato por fim termina. Ele esclarece a Manelinho as regras que deveria seguir, explicando, por exemplo, que para a magia concretizasse, ele teria de enfrentar alguns desafios. Um desses desafios era abrir mão daquilo que mais lhe desse prazer. A partir do momento em que ele abrisse mão disso, as coisas iriam acontecer naturalmente.

O problema é que ele teria de descobrir sozinho qual seria o sacrifício e à hora de fazê-lo.

Aquele pescador então enumerou uma série de coisas das quais gostava muito, e pôs-se a refletir sobre cada uma delas, mas a dúvida permanecia. Logo ele, que era um sujeito de muitos prazeres. Qual seria esse prazer maior? Interrogava-se, e, envolto em dúvidas, arrepiava-se só de pensar em alguns deles: as pescarias, as viagens aventureiras, as brincadeiras de roda?

Porém, depois de muito matutar, vai descartando as possibilidades, uma por uma, até chegar naquela que acreditava estar em primeiro plano: as suas prazerosas pescarias.

Mas como o amor que crescia cada vez mais naquele coração era maior que tudo, ele estava disposto a seguir os conselhos de Honorato passo a passo e assim concretizar aquele sonho.

Vários dias passaram-se, desde que Mané começou a pôr em prática sua missão, sem, no entanto, obter nenhum resultado, algo de concreto que apontasse rumo ao coração de Constância. A essas alturas, já começava a suspeitar dos trabalhos de Pai Honorato, e, em pensamento, divagava:

– Será que aquilo tudo teria sido uma grande farsa, uma brincadeira de mau gosto de Pai Honorato? Será que ele não teria levado a sério toda sua angústia, todo seu sofrimento?

E, resmungando, sai à sua procura.

Chegando a casa de Honorato, impaciente, questiona a eficácia de seus trabalhos. Honorato, porém, pergunta se ele esta-

ria se esforçando o suficiente para pôr em prática o combinado. Mané, com certa rispidez, exclama:

– Ora, Honorato, de tudo já fiz e nada aconteceu! Ontem mesmo deixei de arpoar um pirarucu que dava uns sete metros de comprimento, somente para que nada desse errado rumo ao coração de Constância.

Foi então que, nesse momento, Honorato matou a charada, dizendo:

– É isso, Manelinho!...

– Isso o quê?... Eu teria era de tê-lo arpoado e levado para casa.

– Não, você não entendeu! Onde já se viu pirarucu com sete metros de comprimento!

– É..., foi menos um pouquinho.

– Não é nada disso...

– Danou-se... Ora você diz que é isso, outra que não é nada disso!?...

– Você já se deu conta de que sempre conta essas suas histórias mirabolantes? Mentiras da boa! Esse ato é tão presente em sua vida que você mistura realidade e fantasia sem perceber. Isso faz parte inteiramente de sua personalidade!

– Então você acha que sou mentiroso, Honorato?!...

– Ora, Mané, você é tido como o maior fanfarrão dessas bandas. Mente até dormindo se duvidar, conseguindo até que muitos acreditem nessas suas histórias. Isso é o que lhe dá maior prazer. Essa é a solução: para obter o amor de Constância você vai ter de saber separar muito bem essas duas coisas – fantasia e realidade.

Manelinho realmente estava em maus lençóis. Como conseguiria tal proeza? Assim, ele começa então a perceber que, quando Honorato alertou dos sacrifícios rumo ao coração de Constância, não estava brincando. E se largar as pescarias foi muito difícil, imagine ter de separar-se de algo que estava inteiramente ligado a

sua personalidade. Era como se ele tivesse de abortar um ser que carregava consigo: arrancar essa pessoa que se encontrava dentro de suas entranhas.

Contudo, como as coisas relacionadas ao coração transcendem os mais intrépidos obstáculos, aquele pescador, apesar de muito penar, aos poucos vai adaptando sua vida a uma nova realidade. E assim, acaba encarando uma mudança radical de atitude. Mudança essa que logo é percebida por seus amigos. Juntos, tentam buscar respostas para aquela estranha mudança de comportamento.

Porém não tiveram êxito. Indagavam-se: qual o mistério que o teria levado a mudar tão intensa e repentinamente?...

Assim, Manelinho já não era mais o mesmo de sempre, e todos já sentiam falta daquele sujeito engraçado e brincalhão que tanto divertia aquela gente. E por ser essa pessoa tão querida, ele passou a ser alvo de inúmeras especulações. Diziam até mesmo que ele teria sido encantado pela mãe-do-lago, pois tão lerdo que andava.

De certo, ele realmente teria sido enfeitiçado, mas não pela mãe-do-lago, e, sim, por outro ser, um ser que se encontrava inteiramente materializado, e estava bem ali no meio de todos, fazendo parte do dia a dia daquele apaixonado pescador. Pescador sim, só que agora também de sonhos.

CAPÍTULO II

BRAVURA DE UM PESCADOR

*Cupido quando nasceu (bis)
Leite doce apeteceu (bis)
Por isso é o amor tão doce (bis)
No coração que nasceu (bis)*

Manelinho, como já foi dito, era um grande amante da natureza, gostava tanto de contemplar o arrebol quanto de ver a lua e o brilho encantador que desaguava de seus cabelos prateados, inspiração dos corações apaixonados. E de paixão, ele podia falar com propriedade, pois depois que parou de contar suas histórias fantasiosas, passou a usar toda sua imaginação para criar belíssimas poesias. Arte esta que agora desempenhava com grande eficiência sob os holofotes dessa paixão.

Num daqueles fins de tarde, quando o sol já desmaiava no horizonte e a noite já começava a enfeitiçar a todos com seus mistérios, ele sai para fachear, acompanhado, como sempre, de seu arpão e poronga. Levava, ainda, uma lata com farinha, que era para o moqueado à beira do rio. Entre uma arpoada e outra, suspirava com as lembranças de sua amada. Ficava imaginando como seria sua vida ao lado da mulher de seus sonhos.

A tranquilidade daquele momento é quebrada quando, de repente, um grito aflito rasga as entranhas daquela noite, o despertando de seus devaneios.

– Socorro! Socorro! Alguém me ajude!...

Manelinho então, mais que depressa, sai cortando o igapó com largas remadas, seguindo aquela voz aflita. Chegando ao local, o braço de um lago, encontra uma canoa sendo cercada por um cardume de botos. Apesar de pouca visibilidade, observou que a canoa já estava quase toda tomada pela água. Ele então, mais que depressa, se aproximou e puxou para dentro de sua canoa aquela apavorada pessoa. Começou, então, a travar com os ferozes botos uma longa e árdua luta.

De posse de seu arpão, tentou de toda maneira não permitir que eles se aproximassem, e, com muita destreza, equilibrou-se para não deixar a canoa virar, devido o grande rebojo que eles faziam. Ao mesmo tempo, tentou buscar explicação para a revolta daqueles animais, que nunca demonstraram tanta violência.

Manelinho continuava lutando, mas acabou ficando sem seu arpão, que perdera num descuido. Vai ficando sem forças e meios para continuar aquele enfrentamento. Foi então que se lembrou da farinha que trazia consigo. Rapidamente, ele abre a lata e sai espalhando a farinha ao redor da canoa. Os grãos penetraram nos suspiros daqueles mamíferos, expulsando-os finalmente. Este truque ele aprendera com os ribeirinhos, que muito bem sabiam lidar com as astúcias daqueles bichos.

Ele, esgotado, sem forças, cai no porão da canoa, desfalecido. A pessoa que ele acabara de salvar, apesar de muito assustada, consegue levar a canoa até a margem. Chegando lá, encontra alguns curiosos que assistiam àquela peleja de longe, sem nada poder fazer. Elas se aproximam e oferecem ajuda. Imediatamente, carregam Manelinho, que ali se encontrava desmaiado, e apressadamente levaram-no para a casa mais próxima. Que era justamente da pessoa salva por ele.

Após alguns minutos, para alívio de todos que aguardavam notícias, ele desperta. Aquela gente então se dispersa e retorna as suas casas. No caminho vão espalhando a notícia da bravura de Mané. E logo seu feito alcança a todos os moradores do lugar.

Mãe Benta fiai-me um bolo (bis)
Não posso senhor tenente (bis)
Os bolos são de Iáíá (bis)
Não foram feitos para muita gente (bis)

Manelinho, já demonstrando consciência de tudo que tinha acontecido, tenta levantar-se. Mas sente uma pequena tonteira e volta a deitar, pois ainda encontrava-se muito exausto. Pergunta, com certa aflição, pela pessoa que estava em sua companhia, temendo que algo de muito grave pudesse ter acontecido. Porém, para sua tranquilidade, a senhora que cuidava dele naquele momento, assegura-o, dizendo:

– Calma, meu rapaz, ela só está repousando um pouco, se recuperando da agonia que viveu. E você, cuide de ficar deitado aí que vou buscar um chazinho para que fique logo bom. Logo, logo, você vai tá novinho novamente.

Sai do quarto e, ao voltar, aquela meiga senhora traz, juntamente com o chá, uma bandeja cheia de guloseimas. Ele agradece por todo cuidado dispensado a sua pessoa e, aproveitando, elogia aqueles deliciosos quitutes, ofertados com carinho.

– A senhora tem mãos abençoadas, esses petiscos são incríveis, faz tempo que não como algo assim!

Também, na oportunidade, ele pergunta qual era a graça daquela simpática senhora. Ela então responde.

– Me chamo mãe Benta, ou dona Benta, como preferir.

– A senhora é a dona da casa?

– Não, mas é como se fosse. Tô aqui já um tempão, desde que seu José e a “famia” vieram pra cá. Eu era fia de escravo. Meus pais se perdeu de mim. Foi quando encontrei essas abençoadas pessoa, que tavam vindo trabaiá nos seringar da Amazônia. Eles me acolhero e acabei ficando por cá até hoje.

– Eles devem ser boas pessoas.

– Ah, se são! Infelizmente, dona Dóxias, que era muié de seu José, deixou a gente cedo.

– O que aconteceu com ela?

– Logo quando a gente chegou aqui, a coitada pegou impaludismo e por farta de remédio veio a falecer... Foi argo muito triste, mas graças a Deus conseguimos superá essa perda terrive.

– Realmente é uma triste história, dona Benta. Deve ter sido muito duro para todos passarem por tudo isso – fala Manelinho com ar de consternação.

– Isso foi – responde dona Benta. – Ainda mais porque quando dona Dóxias partiu, deixou seu bebê com dias de nascida, mas também, graça a essa linda criança, a alegria a essa casa vortou mais rápido.

– Quer dizer então, dona Benta, que a pessoa que salvei é a criança que a senhora acabou de citar?

– Justamente. Nossa querida Iáíá hoje tá uma moça linda e traz muita alegria a essa casa.

Manelinho, em elogios, diz:

– Isso significa que, de certa forma, a senhora fez o papel de mãe, apesar da pouca idade que ainda aparenta e que deve ter certamente.

– Obrigada. Realmente cuidei de Iáíá como se fosse minha fia – diz dona Benta com ar de orgulho. – Mas só fez o que era pra ser feito, era a única forma de agradecer pelo que fizeram por mim, quando um dia, me vi também sozinha no mundo.

Nesse instante, a conversa é interrompida com a chegada de seu José, que entra no quarto, já exclamando:

– Então, você é o popular Manelinho!

Manelinho, sorrindo com aquela interpelação, responde:

– Bom, sou eu mesmo, porém não tão popular assim.

– Modesta sua, cabra, conheço bem suas histórias! Mas isso é outra coisa, o que quero mesmo, nesse momento, é agradecê-lo muito, mas muito mesmo, por ter salvado minha adorada filha, e, de coração, desejo também recompensá-lo por sua bravura.

Manelinho, mudando de expressão, responde:

– Desculpe-me, mas desse jeito o senhor até me ofende. Jamais aceitaria qualquer coisa pelo que fiz. Agradeça mesmo a Deus por ter alguém ali por perto quando tudo aconteceu.

– Perdão, não foi essa minha intenção. Mas saiba que se não fosse você, minha menina talvez não estivesse mais aqui conosco. Resta-me somente então agradecê-lo e demonstrar toda minha gratidão por tudo que fez.

Assim, Manelinho e seu José seguem dialogando a respeito do acontecido. Depois de muita conversa, e já com certa intimidade, seu José fala que, daquele momento em diante, qualquer coisa que ele precisasse, poderia procurá-lo, pois se estivesse ao seu alcance, estaria ao seu inteiro dispor. E continuou, dizendo que as portas de sua casa, a partir daquele dia, estariam sempre abertas a ele.

Já meio sem graça, Manelinho agradece a hospitalidade e diz que precisa ir, pois já estava ficando muito tarde. Outro dia voltaria para um dedinho de prosa.

– Negativo! – exclama. – Hoje você é meu hóspede. Amanhã você vai. Afinal, me sinto responsável hoje por sua saúde. Fique aqui que eu vou chamar minha filha, pois ela deseja também agradecê-lo pessoalmente.

– Não precisa incomodar sua filha, seu José, volto outro dia e então nos falaremos.

Mas eis que, de repente, a porta do quarto é aberta. Manelinho, surpreso, não acreditava no que seus olhos viam,

pensou estar sendo traído por eles, achava que fosse tudo imaginação. Seu coração começou a bater descompassado e, por um momento, achou que pudesse estar vivendo um sonho. Era tudo real demais para ser verdade.

Ele só sai daquele transe quando ouve seu José exclamar seu nome, dizendo que vai deixar os dois a sós, pois ia tomar um banho e que depois voltaria. Alguns segundos depois, Manelinho, já um pouco mais refeito após aquele impacto momentâneo, tentava, a todo custo, organizar suas ideias.

– Então, seu José é o Coronel Silvestre! José Silvestre, pai de Constância. Por isso que seu nome não me era tão estranho. Como fui ingênuo de não ligar os nomes. Aqui estou eu, dentro de sua casa, tornando-me seu amigo e frente a frente com sua filha, a mulher de meus sonhos! Pensava ele.

Todas as expressões de felicidade existentes acompanhavam aquele pescador naquele momento, que em voz alta dispara alegremente:

– Honorato, você não existe!...

Constância, sem entender a quem ele se referia com tanto entusiasmo, interroga:

– O que você disse?

Ele então, tentando recompor-se, mas mesmo assim gaguejando, dirigiu-se a ela, cumprimentando-a:

– Bo... Boa-noite!

– Boa-noite, Manelinho!

Ao ouvi-la proferir seu nome, era como se Mané estivesse ouvindo vozes de anjos soprando em seus ouvidos. Ela então continua:

– Você me parece ainda muito assustado, deve ter sido pelo que passou. Se preferir, volto outra hora quando estiver melhor.

– Não! Não!... Desculpe! Estou bem, é que hoje muitas surpresas aconteceram. São muitas emoções para uma noite só.

– Ah, isso são, pois nem consigo acreditar que depois do que aconteceu estou viva e sem nenhum arranhão! E você é o responsável por isso. Vou ser grata pelo restante de minha vida!

Manelinho tenta manter a calma, para não demonstrar todo aquele sentimento que pairava em seu coração, pois sabia que aquela era a oportunidade que tanto esperou e não queria que nada desse errado naquele memorável encontro. Sendo assim, manteve-se firme diante da situação, disfarçando para não demonstrar nenhum tipo de admiração excessiva, e, fazendo-se de desentendido, exclama:

– Pois nem me lembro direito o que fiz. Tudo foi tão rápido! Mas se tem alguém a quem deve agradecer é ao nosso Criador. Esse sim é quem conduz nossas vidas e ao qual devemos dar graças, pois se estou vivo e você também, é a Ele que devemos remeter-nos com todo carinho. Mas desculpe-me a indelicadeza, pois nem perguntei seu nome. Qual a sua graça, senhorita?

– Meu nome é Constância – responde ela graciosamente.

– Você tem o nome muito bonito...

E assim, num clima todo de amizade, ambos saem dialogando a respeito do que acontecera. Manelinho, sempre buscando novos assuntos para não cessar aquele prazeroso encontro, e, demonstrando cuidados à moça, pergunta:

– Me diga, Constância, o que levou você a estar tão longe da margem do rio naquele horário?

– Nem eu mesma sei, só lembro que estava no terreiro, recolhendo umas roupas do varal, quando de repente algo despertou minha atenção. Vi um vulto em pé, todo de branco, parado no porto. Ele então começou a subir o caminho em minha direção. A princípio pensei que fosse papai que havia chegado, mas como não pude ver com clareza, cheguei mais perto, e foi que, súbito, meu corpo todo estremeceu, ficando paralisada. Fui envolvida então por uma névoa e, quando me dei conta, já estava no meio do rio cercada por aqueles animais ferozes.

Manelinho, que tanto conhecia os mistérios dos lagos e dos rios, logo percebeu que Constância teria sido vítima da sedução do astuto e faceiro boto, pois esses cetáceos, em noite de lua cheia, costumavam encantar donzelas em seus períodos férteis. Muitas foram as moças que já teriam sido vítimas de suas sagacidades.

Aquela noite tornou-se pequena para tantos assuntos. Ele, firme, demonstrava ser um sujeito de mentalidade madura e com certa experiência de vida, porém jamais ocultando seu lado alegre e brincalhão. O certo mesmo é que aquele ato de bravura teria despertado a mais bela admiração naquela linda jovem.

Daquele dia em diante, Manelinho dava sempre um jeitinho de estar na casa do Coronel, próximo de Constância. E sempre que a encontrava, não por acaso, levava-lhe um agrado. Contava ainda com a gratidão do Coronel Silvestre, que naquelas alturas já o via como alguém de sua família.

Constância, por sua vez, se sentia cada vez mais atraída por aquele sujeito extrovertido, e, no dia em que ele não aparecia, ficava horas com os olhos presos no além à sua procura, esperando que ele surgisse a qualquer momento.

Manelinho também, a essas alturas, já deixava transparecer o seu encanto pela linda jovem, e ambos já não conseguiam esconder aquela grande paixão que os tomava e que invadia seus corações apaixonados.

Mãe Benta, que sempre dispensou todo o cuidado à Constância e a conhecia como ninguém, logo percebeu a empolgação da jovem. Chama-lhe para uma conversa. Constância, entretanto, não esconde aquele sentimento e diz que nunca sentira algo assim por ninguém, pois seu príncipe teria chegado à sua vida, mansinho e sorrateiro, sem fazer alardes.

Constância nem imaginava que há tempos, do outro lado da cerca que separava seus mundos, uma alma aflita implorava aos céus uma oportunidade de estar ali, pertinho, ao seu lado.

Numa certa manhã, Manelinho e Constância caminhavam juntos rumo ao armazém para comprarem, a pedido de mãe Benta, chitas para as confecções de roupas, pois o mês de junho se aproximava e as brincadeiras de roda logo contagiariam aquele lugar.

No caminho, Constância, distraída, envolta pelos galanteios de Mané, tropeça num cipó, inclinando-se em sua direção. Ele, com toda destreza, segurou a moça, tomando-a então em seus braços. Os dois fitam-se, e em um diálogo mudo deixam aquela emoção que há muito tempo já tomava conta de ambos seguir a trajetória mais que desejada. Seus lábios então se encontram e o beijo, que vinha sendo ensaiado há tempos, alcança proporções sublimes, o qual nem o mais romântico dos poetas, em versos ou em prosa, conseguiriam ousar descrevê-lo com exatidão.

Daquele dia em diante, não houve mais nada que seguisse o ímpeto daquele casal apaixonado. Manelinho, seguindo todas as formalidades possíveis, pede Constância em namoro ao Coronel Silvestre, pedido esse que foi visto com bons olhos pelo pai da moça, já que ele tinha total confiança na pessoa de Mané. Porém, como era de costume, Silvestre não deixou de aplicar todos aqueles conselhos que todo pai tinha a oferecer numa ocasião dessas.

Assim, a partir daquele momento, muitas histórias ficaram a respeito das peripécias de Manelinho rumo ao coração da mais bela e desejada jovem do lugar.

CAPÍTULO III

O CASAMENTO DE CONSTÂNCIA E MANELINHO

Era mês de junho, e a emoção já tomava conta de todos daquele vilarejo, pois era tempo de arvurada: cantorias, promessas e agradecimentos aos santos por graças alcançadas, pois cada devoto tinha lá o seu de sua preferência e a ele dedicava todo seu apreço.

*Salve Pedro! Salve Antônio!
Assim canta o devoto com louvor
A moça faz promessa pro Santo casamenteiro
E reza o pescador ao Santo protetor.*

*Em nove noites de novenas o devoto a rezar
Rezando com devoção pra uma graça alcançar
A moça faz promessa pro Santo casamenteiro
E reza o pescador ao Santo protetor.*

*Alcançada a graça, promessa tem que pagar
Fio de cabelo, aliança ofertados no altar
A moça faz promessa ao Santo casamenteiro
E reza o pescador ao Santo protetor.*

*A procissão concretiza a fé do pescador
Cortando água vai devoto saudando seu protetor
A moça faz promessa ao Santo casamenteiro
E reza o pescador ao Santo protetor.*****

Manelinho, aproveitando aquele momento de festa e de euforia, fala à Constância que vai pedir sua mão ao seu pai, pois, apesar do pouco tempo de namoro, já não havia nenhuma dúvida de que ambos almejavam ficar juntos e, assim, viver intensamente aquele amor.

Eles então chamam o Coronel Silvestre num canto e Manelinho, tropeçando nas palavras, como já era de se esperar numa hora dessas, fala ao Coronel de suas intenções.

Silvestre, que não se surpreendera nem um pouco com aquele pedido um tanto quanto prematuro, pois já esperava ouvi-lo a qualquer momento e até fazia muito gosto naquela união, aproveita a deixa e não perde a oportunidade de pregar uma peça em Mané. Dirige-se a ele, pausadamente, dizendo:

– Sabe, rapaz, gosto muito de tua pessoa, lhe considero como se fosse meu filho, namora minha filha e a ela sei que tens toda dedicação, mas... tenho algo a falar a respeito de se unir de fato e de direito a ela.

Ao ouvir Silvestre proferir essas palavras, aquele pescador sente seu coração vexadamente disparar. Um filme começa então a passar em sua mente.

– Teria sido tudo em vão? – lamentava-se em pensamentos.
– Seria tudo somente ilusão? – Um suor frio começa a escapar por todo seu rosto, a palidez toma conta de seu semblante, e, quando o desespero já começava a invadir as arestas de sua racionalidade, Silvestre dispara aquela gargalhada dizendo:

– Claro, seu bobo! Claro que dou a mão de minha filha a ti. Aproveite a festa e avise a todos!

Silvestre então sai, gargalhando em falsetes com a imagem da agonia de Mané em sua mente.

Manelinho sempre se lembrava dos conselhos de Pai Honorato com quem tinha grande dívida de gratidão, pois, graças a ele, estava prestes a casar-se com a mulher de seus sonhos, apesar de, às vezes, uma dúvida ainda pairar sua mente: se o que acontecera entre ele e Constância teria sido realmente fruto dos trabalhos do amigo ou se ele teria criado essa história apenas para encorajá-lo rumo ao coração de sua amada.

Mas para não pôr em risco aquele prêmio conquistado com tanta peleja, ele pretendia cumprir todas as regras impostas por Honorato no momento em que ele resolveu ajudá-lo rumo a esse seu objetivo maior: conquistar o coração de Constância.

Os amigos de Mané, que sempre especularam a seu respeito acerca daquela sua mudança repentina, agora encontravam certa lógica naquilo tudo, pois qualquer um diante de tamanha beleza se renderia, e as mudanças eram um processo natural de quem se dedicava a tamanha paixão.

Manelinho e Constância anunciam o casamento para o final do mês de agosto e, ansiosos, aguardam esse dia tão esperado. Então convida para padrinho Honorato, seu melhor amigo e responsável por aquela união. Constância, por sua vez, chama mãe Benta, por quem tinha enorme apreço, para madrinha. Como era de se esperar, esse convite foi recebido por ambos com grande satisfação e orgulho.

Enfim, quando o tão esperado momento chega, nosso pescador não se contém de tanta alegria, apesar do grande nervosismo no qual se encontra. Só se acalma um pouco quando Honorato chega, trazendo-lhe uma simpatia, um saquinho de pano amarrado, contendo dentro uma oração. Segundo ele, era um amuleto que iria trazer-lhe boa sorte em sua nova vida e, ainda, protegê-lo dos maus presságios que pudessem aparecer em seu caminho.

Mãe Benta, por sua vez, andava às voltas com Constância. E haja chá de erva-cidreira para ver se acalmava aquela noiva aflita.

Já o Coronel Silvestre parecia que era o noivo, de tão elegante. Só que, a essas alturas, nervoso, buscava as últimas unhas para devorá-las.

E assim, todos aguardavam o sino da capela anunciar a hora da cerimônia.

Muitas foram as pessoas que vieram de outras localidades para dar parabéns e desejar sorte àquele jovem casal. E, por que não, também para aproveitar a festança, a maior já vista naquelas bandas.

Depois que o vigário disse o amém final, o arrasta-pé começou a comer solto no terreiro, num levanta poeira sem-fim.

Os convidados, em uma grande roda, cirandeavam sob os acordes de encantadas violas e do choro frenético de estridentes cavaquinhos. A cadência daquela dança era ministrada por atabaques, juntamente com pandeiros. E assim, aquela noite tornou-se curta para tantas coreografias e giros sobre os pés.

VIOLA, VIOLANDO, VIOLEIRO

*Viola, violando, violeiro, que nas noites de lua
Traz as mais belas lembranças
Que faz reviver o ser criança
E se transportar no infinito céu
Viola, violando, violeiro, de acorde igual orvalho
Desta viola encantada
Que banha essas vidas tão serenas
Iluminadas no pratear da lua
Que na tristeza, dor e alegria
É fuga das diversas emoções
E o acalanto vem no dia a dia
Transformando esses sentimentos
Em novas canções
Viola, violando, violeiro, que nas belas noites quentes
Na poeira dos terreiros
Faz a harmonia das rodas
No bailar dos cirandeiros
Viola, violando, violeiro, que junto com o atabaque
O cavaco e o pandeiro
Forma a sinfonia dos sonhos
O orgulho de ser cirandeiro
No planger das notas a magia
Dos solos suaves, doces e infinitos
São sete notas mães dessa alegria
Que emana da extensão da alma do tocador.**

CAPÍTULO IV

O FRUTO DE UMA GRANDE PAIXÃO

*Meu galo bonito canta na varanda
Tu querias roubar, oh! Ladrão,
A nossa ciranda
Oh! Valentin, tin, tin, Valentin meu bem
Quem casou, casou, quem não casou ficou
Quem tiver inveja faça assim também
Faça assim, faça assim, faça assim meu bem.*

Os meses passavam tranquilos naquela pacata vila. Só não passava a paixão daquele jovem casal, que continuava cada vez mais forte e ardente. Manelinho, agora, era homem com muitas obrigações. Ele era braço direito do Coronel Silvestre, ajudando-o nos serviços dos seringais.

Como Silvestre tinha negócios em outras localidades, resolveu então, depois do casamento de Manelinho e Constância, mudar-se com toda família para o vilarejo denominado Freguesia de Nossa Senhora de Nazareth, pois ficava estrategicamente mais próximos dos demais.

Todo dia, no final da tarde, Constância esperava na varanda a volta de seu amado. Quando o avistava, saía correndo ao seu encontro, e lá se vinham os dois subindo o caminho do porto de

mãos dadas, conversando a respeito do dia que começava a dar seu último adeus.

Manelinho, antes de o sol aparecer, era o primeiro a levantar-se, sempre com todo o cuidado para não acordar sua amada na hora da saída. Quando partia para a labuta de mais um dia, sempre deixava para Constância uma lembrança, que ia desde um verso escrito por ele carregado de paixão até mesmo uma simples flor junto de seu corpo. Esses gestos só faziam aumentar ainda mais a admiração daquela jovem por seu dedicado amado.

MEU GALO BONITO

*Meu galo bonito de canto doce e tão belo
Acorda minha amada que sonha com nosso amor
Avisa pra ela que nossa flor já brotou
Desabrocha sorrindo e perfuma esse amor...*

*Meu belo galo é bonito, acordar pensando nela
E é só dela meu amor
Diz pra Constância que meus sonhos
Sempre vão ao seu encontro e sem ela nada sou
E no escuro dessa noite, eu me lembro dos seus olhos
Na janela a me esperar, eles, tão sinceros, tão serenos
Em lampejos me procuram, peço a Deus logo voltar*

*Meu galo bonito vai anunciar
O encontro dessas vidas vai cantar (bis)*

*Meu belo galo que encanta, cantarola na varanda
E avisa que já cheguei
E quando envolto em seus braços
Vou repousar do cansaço*

*E me perder nos carinhos seus
 Meu belo galo faceiro, tão imponente no terreiro
 Que desperta as paixões
 Canta a cantiga que encanta, saudação de minha ciranda
 E oferece para o nosso amor.**

Certa manhã, Constância comenta com mãe Benta o grande desejo de comer fruta-pão. Mãe Benta, achando estranho tal desejo, retruca:

- Mas fia, você jamais gostou dessa fruta!
- Ora, mãe, a gente muda os gostos. Ontem mesmo comi uns dez marimaris, coisa que nunca tinha feito devido achar seu sabor meio enjoativo.

Mãe Benta, que muito aprendera com os ensinamentos da vida, logo percebe que brevemente um novo ser habitaria aquele lar, e, com ar de alegria estampada no rosto, comenta:

- Não sei não, Constância, mas acho que vai vim surpresa por aí!...
- Que surpresa! Você está sabendo de algo que não sei?
- É nada não, deixa pra lá, minha menina, deixa pra lá, é só coisa da minha cabeça.

No dia seguinte, como era feriado de Nossa Senhora Aparecida, ninguém foi trabalhar. Mãe Benta então preparou um delicioso café da manhã, como só ela mesma sabia fazer. Quando todos estavam à mesa, Constância levanta-se mais que depressa, corre para varanda, e põe-se a vomitar. Para mãe Benta agora não restavam mais dúvidas: Constância estava prenha como havia suspeitado.

Mãe Benta, entretanto, não queria alardear aquela história sem antes ter certeza. Fez uma série de perguntas a Constância. Depois de suas respostas, e convencida de suas suspeitas. Com grande alegria, exclama:

- Iáíá, ocê está grávida! Grávida, minha fia!
- Grávida, eu, mãe Benta?!... – pergunta Constância um tanto quanto surpresa.
- Sim fia, grávida! Vamos dá essa notícia a seu marido e a seu pai.

Constância e mãe Benta, felizes e radiantes, voltam à mesa com aquela grande notícia. Eles, por sua vez, ao ficarem a par da situação, saem felizes, espalhando a notícia, afinal, em breve, Manelinho seria o mais novo pai das redondezas.

Aquele jovem casal, já traçava mil planos para a chegada do primeiro filho. Ele comentava com Constância que esperava um belo menino, que era para em breve acompanhá-lo em suas pescarias. Constância, no entanto, desejava uma linda menina para lhe fazer companhia quando Manelinho se encontrasse ausente. Mas, brincadeiras à parte, ambos estavam bastante felizes com aquela bênção divina, não importando o que fosse concebido.

Para desespero de Mané, quanto mais se aproximava o dia da chegada do herdeiro, Constância mais estranhos desejos tinha.

Certa noite, próximo a uma manhã de domingo, quando o dia já estava quase raiando, ela levanta e sacode o marido:

- Manelinho, Manelinho!...
- O que foi, Constância? Ainda é muito cedo, mulher! – retruca ele sonolento.
- Não é nada disso, é que acabo de sonhar com um bando de carão sobrevoando a casa.
- E o que tem isso, mulher? – indaga ainda sem compreender.
- Sabe, amor, é que nunca senti tanta vontade de comer um desses pássaros como agora.

Ele pula então da cama surpreso e exclama:

- Constância, você deve estar brincando, mulher!
- Nunca falei tão sério em minha vida, meu querido.

– Mas como alguém pode desejar comer um bicho deste. Um animal que tem até espinhas na carne, e ainda por cima dizem que é de mau agouro!

– Ora, Mané, isso é superstição boba desse povo. Onde já se viu um pássaro, cria de Deus, carregar consigo mau presságio? E você sabe, desejo é desejo e não se contraria! Ou você prefere que nosso filho nasça com cara de carão?

O certo mesmo era que ele, depois de muito reclamar, sempre dava um jeitinho de satisfazer o desejo de sua amada esposa, que tinha todo um jeitinho especial de convencê-lo com suas meigas palavras.

Manelinho, como já havia perdido o sono, saiu ainda no escuro para tentar caçar a dita ave. Porém, depois de muita procura e nada encontrar, resolveu procurar alguém que entendesse do assunto, pois, definitivamente, de caça ele não entendia.

Ele lembra então de um velho amigo seu, Engrácio, um grande caçador das redondezas e antigo parceiro seu de anedotas. Engrácio, no entanto, estranha aquele pedido e comenta acerca do animal.

– Homem, pra que diacho você quer esse bicho?! – exclama ele intrigado.

– É Constância, amigo, com mais um de seus desejos. Botou na cabeça que quer porque quer comer essa ave.

– Mulher tem cada história... Olha, Mané, caçar esse animal não é tão fácil, assim como posso matá-lo hoje, poderá levar mais tempo, pois essas aves são por demais ariscas.

– Mas tente, aliás, se eu não levar o animal pra casa, Constância não vai me deixar em paz enquanto não conseguir pegá-lo.

CAPÍTULO V

A MORTE DO CARÃO

*Já vem chegando o verão (bis)
Para a morte do carão (bis)
Ai, ai, ai, para a morte do carão (bis)
Carão é um pássaro preto (bis)
Comedor de aruá (bis)*

Engrácio sai à procura do carão. Manelinho decide não acompanhá-lo para não atrapalhar na busca. Prefere ficar por perto, mariscando. O experiente caçador sabia que aquelas aves gostavam de ficar à beira dos campos comendo aruás, prato predileto delas. E assim prepara a armadilha.

As horas passam, Engrácio no moitá aguarda pacientemente a possível chegada de uma daquelas aves, pois era época de vazante dos rios e havia grande esperança de que elas aproveitassem essa ocasião para saborear os deliciosos aruás, fartos nessa época.

Depois de longa espera, de repente eis que surge imponente e faceira uma daquelas aves, negra como a noite, trazendo consigo toda a carga preconceituosa de ser considerada de mau agouro.

O caçador mais que depressa a coloca sob sua mira e aproveitando um simples descuido dela, puxa o gatilho. O disparo rasga a paz dos primeiros raios do dia, uma nuvem branca de

fumaça encobre o local e, aos poucos, a silhueta da negra ave vai surgindo agonizando e, em instantes, jaz sem vida.

Quando Manelinho ouve o disparo, anima-se, rema logo em seguida ao encontro do caçador, pois era quase certeza de que ele havia obtido êxito em sua pontaria. Chegando ao local, vê o carão sem vida na mão do caçador, que diz:

– Pronto, Mané, aqui está a dita-cuja! – exclama ele altivo como quem cumprira uma grande missão.

– Você realmente está cada vez melhor, meu velho, quanto lhe devo por seu trabalho?

– Ora, Mané, claro que não é nada, leve e diga à Constância que é um presente meu, e volte outro dia para pormos em dia as prosas, pois já faz um bom tempo que não sentamos para contar-mos uns causos.

– Voltarei com certeza, Engrácio, muito obrigado, fico lhe devendo essa.

Manelinho parte então, levando alegremente a presa, pois certamente, com a entrega da ave, Constância o encheria de mimos.

Chegando ao porto de casa, aquele pescador encontra alguns companheiros que se preparavam para uma pelada de final de semana no campo de várzea, eles então estranham ao ver Manelinho chegando tão cedo com aquele animal e o interrogam.

– Virou caçador, Mané?

Ele, aproveitando a deixa, resolve tirar um sarro da cara dos colegas.

– Ora, amigos, tenho lá meus dotes, ainda desconhecidos de muitos. Sempre fui bom no manejo dessas cuspidadeiras de fogo, só não gosto muito delas, por isso é que vocês não me veem por aí caçando. Gosto mesmo, vocês sabem, é de minhas pescarias, elas sim me dão prazer.

– Então nos conte como você conseguiu pegar essa ave tão arisca? Pois nunca consegui tal façanha. E olhe que já pejei... – interpela Osvaldino com ar descrente.

– Nem eu! – exclama seu Dico.

– Eu também não! – dispara também Orlandino, todos não acreditando naquela proeza.

– Bem, vou relatar o fato a vocês: Constância, vocês sabem, está cada vez mais cheia de desejos, e botou na cabeça que quer porque quer comer essa ave, desejo esse que também para mim é muito estranho...

– Sim, Manelinho, que Constância está grávida e tem desejo já se sabe – diz Osvaldino. – Mas o que queremos mesmo saber é como foi que você fez para matar o carão.

– Calma, vou chegar lá, meu amigo... O dia já estava quase raiando e a essas alturas já me encontrava bastante exausto devido à espera e de nada aparecer. Foi quando então resolvi desistir da ideia e voltar para casa, porém, no caminho, avistei um cardume de tambaquis que comiam joaris no igapó próximo à casa de seu Raimundo Souza, então, amarrei a canoa nuns galhos que ali estavam para preparar o espinhel.

Depois de tudo pronto, e, devido à espera, acabei adormecendo. Foi então que, súbito, fui acordado pelo balanço de minha canoa que deslizava sobre a água a todo vapor.

– Ora, Mané – interrompe Orlandino –, vai nos dizer que os tambaquis puxavam sua canoa a toda essa velocidade?

– Não, não! – exclama Manelinho. – Foi ainda mais incrível, vocês nem vão acreditar. Quando amarrei a canoa, não me dei conta de que aqueles galhos eram nada mais nada menos que as pernas da dita ave que tanto procurava.

– Ha-ha-ha-ha-ha!... Essa foi demais! – disparam todos em altas gargalhadas.

– Verdade! – reafirma.

– E tem mais, como ela vinha voando na direção de casa, esperei que ela chegasse bem em frente ao porto, puxei então o gatilho e bummm... E o final da história vocês já devem imaginar, aqui está ela para comprovar o que estou dizendo.

Lógico que os amigos de Manelinho duvidaram daquela mirabolante estória, mas saíram até felizes, pois já fazia um bom tempo que não o ouviam contar uma de suas fantasiosas estórias.

Constância, ao ver seu amado voltando com a ave, ficou radiante de alegria, pois já não via a hora de saborear um belo prato de guisado preparado por mãe Benta.

Mãe Benta por sua vez, apesar de também estranhar tal desejo de Constância, pegou a ave e foi prepará-la com todo carinho.

Naquelas alturas, o guisado de carão, que antes causava estranheza, agora já era aguardado com expectativa, pois seu cheiro já deixava todos da casa com água na boca.

Mesa posta e agora não só Constância, mas também o restante da pequena família resolveu saborear aquele delicioso prato. O comentário de todos era como aquela ave tinha a carne tão saborosa, apesar das espinhas encontradas nela.

A descontração daquele almoço subitamente é quebrada. Constância, ao ingerir uma das colheradas, engasgou-se com uma das espinhas do animal e começa a passar mal. Todos ficam muito preocupados e começam a fazer uma série de simpatias que iam desde rodar o prato ao contrário, ao famoso passa-cachorro, numa tentativa de fazer a espinha descer.

Manelinho, ao perceber Constância quase sem fôlego, parte em busca de ajuda. Por sorte encontra Honorato que por ali passava e arrasta-o até sua casa.

A cada minuto, a respiração de Constância diminuía cada vez mais. Honorato, com a mão em sua cabeça, começa a rezar concentradamente, pois cada segundo era fundamental para sal-

var Constância, que àquela altura já apresentava sinais de falecimento.

Manelinho, num canto, calado estava sem demonstrar nenhuma reação, apenas rezava para que o pior não acontecesse. Mãe Benta, de joelhos, pedia a intercessão dos orixás, enquanto que o Coronel Silvestre assistia a tudo desoladamente, com medo de reviver o pesadelo que outrora vivera com a perda de sua esposa. E assim, todos, à sua maneira, buscavam ajuda dos céus para que nada de grave acontecesse à bela jovem.

Depois de muitas simpatias, rezas e orações, finalmente a tranquilidade foi voltando àquele lar, pois a espinha desceu, aliviando Constância daquela grande aflição.

Todavia, o alívio que a essas alturas já contagiava a todos, é novamente abalado. Constância entra em estado de parto dando à luz prematuramente um filho sem vida, pois não resistiu a toda agonia pela qual sua mãe passou e que também o atingiu, o que para ele foi fatal.

Manelinho, que antes contente estava com a recuperação de Constância, agora era só desolação e nenhuma palavra de consolo o fazia sair do desespero em que se encontrava.

Mãe Benta buscava forças para tentar acalmar também o Coronel Silvestre, que nesse momento sentia novamente dor da perda de um ente querido.

Constância ainda sob os cuidados de Honorato demonstrava-se, dentro do possível, a mais calma. Ela pediu a ele que dedicasse sua atenção a Manelinho, que, por sua vez, com o rosto banhado em lágrimas, abraça Honorato sussurrando em seu ouvido.

– É tudo culpa minha! É tudo culpa minha!

Honorato não compreende a que o amigo se referia, interpela-o:

– Que culpa sua?! Deixa de besteira, rapaz...

– Mas, Honorato, fui eu quem trouxe esse pássaro agourento pra Constância.

– Calma, amigo! Calma, não se martirize assim, esse pássaro nada teve a ver com o que aconteceu. O importante é que Constância está bem e vocês ainda vão ter um montão de filhos juntos – diz, tentando confortá-lo, mas sem muito resultado.

A tristeza planta-se naquele lar. Os amigos tentam amenizar a dor da família, pois muitos foram os que vieram para lhes dar os pêsames e oferecerem seu apoio.

Para todos daquela região, porém, não restava dúvida: o causador de toda aquela história trágica teria sido aquele pássaro agourento, comedor de aruá, o maldito carão.

A história da maldição do pássaro logo contagiou a todos, desencadeando uma verdadeira perseguição à ave. Onde se tinha notícia de uma delas, lá se ia um verdadeiro batalhão à sua procura, para matá-la.

A perseguição ao carão foi tão intensa que ele quase foi extinto, fato que não se concretizou por causa da intervenção de Constância que, apesar do coração dilacerado, intercedeu pelo pássaro pedindo que o deixassem em paz, explicando que tudo aquilo que havia acontecido foi uma fatalidade, coisa que poderia ter ocorrido com qualquer pessoa, em qualquer situação e que o coitado do animal não tinha nenhuma culpa naquele triste episódio.

Os revoltosos, então, aos poucos foram deixando a ave de lado, mas sempre com o pé atrás. Quando ouviam qualquer coisa a respeito do animal, não perdiam a oportunidade de omitirem suas opiniões preconceituosas, e só muito tempo depois do fato ocorrido é que foram esquecendo e deixando-a em paz.

Manelinho, que sempre foi pessoa bastante consciente, sujeito que não temia os desafios impostos pela vida, agora era só solidão. Até mesmo Honorato, por quem ele tinha a maior amizade, não conseguia estar com ele, devido a sua fuga incessante

de todos, perante a realidade que se mostrava tão presente em sua vida.

Via-se como o único responsável por toda aquela tragédia. Pois, além de ter levado o pássaro, lembrava-se também do alerta de Honorato, no momento em que o pacto foi feito para conseguir o amor de Constância, segundo o qual ele não poderia mais mentir, tudo isso, então, ficava rondando sua mente o tempo todo. Esse pacto foi quebrado quando ele contou como teria feito para matar o pássaro, e o preço foi a vida de seu adorado e tão esperado filho.

Ele prosseguia carregando esse pesado fardo no dia a dia, não encontrando mais sentido para sua pobre existência, e, antecipadamente, já tentava conviver com a ausência do amor de Constância, pois em sua lógica, perante os acontecimentos, ela seria sua próxima e inevitável perda.

Diante disso, fugia de tudo e de todos, e seu refúgio encontrava-se num novo hábito que adquiriu e que começou a fazer parte de sua vida a partir de então: o de beber quase todos os dias, para talvez esquecer aquela dura realidade.

Pai Honorato, bastante preocupado com o amigo, toda vez que se via desocupado, dava um jeito de lhe encontrar e, por meio de seus conselhos, tentava diminuir da consciência de Manelinho aquela culpa. Ele chegou até a dizer que aquela história de pacto era tudo invenção sua, que teria feito todo aquele teatro somente para encorajá-lo rumo ao amor de Constância.

No entanto, recusava-se em acreditar nessa nova versão de Honorato, pois era muita coincidência aquilo tudo ter acontecido justamente quando tinha inventado aquela história fantasiosa de como teria feito para matar o pássaro carão.

E assim, a amargura corroía a alma daquele pobre pescador, dor essa que tentava sufocar entre uma garrafa e outra de pinga.

Constância, com o passar dos dias, ao contrário de Manelinho, foi se recuperando, apoiada no equilíbrio e serenida-

de que lhe eram peculiar, e aos poucos retornando à vida cotidiana, apesar das amargas lembranças. Sua maior preocupação agora era com o marido, pois não se sentia feliz de ver o homem que tanto amava na situação em que ele se encontrava. E por muitas e muitas vezes, tentou fazer com que ele saísse daquela situação, porém sem conseguir nenhum avanço significativo.

O Coronel Silvestre já não podia contar mais com o genro nos trabalhos do seringal. Como o estimava muito, ofereceu a ele e a Constância umas férias pela Europa, aproveitando um daqueles navios que dinamizavam os lucros da borracha no exterior para que tentassem juntos amenizar suas dores e, quem sabe assim, fazer com que ele saísse do estado pungente em que se encontrava. E ainda tentar acender novamente o brilho nos olhos daquele casal, que outrora fora tão intenso e que agora começava a embaçar-se pelo descaso de Mané diante da vida.

Manelinho acha aquela proposta de Silvestre um tanto sem sentido, mas acaba aceitando, uma vez que Constância se mostrava muito entusiasmada com a ideia.

No entanto, o casal impõe uma condição: Coronel e mãe Benta deviam ir juntos. Silvestre, a princípio, não viu com bons olhos a ideia de deixar os negócios nas mãos de terceiros, mas decidiu, depois de muito pensar, a ir também, pois já fazia um bom tempo que não tirava umas férias.

No dia marcado, e com as bagagens já a bordo, muitos amigos foram se despedir da família. Porém, Manelinho não avisou seu melhor amigo, Honorato, e sai interrogando onde ele poderia estar.

Osvaldino, que ali estava despedindo-se, disse que o teria visto benzendo uma criança, curando-a de um quebranto lá na casa de seu Leli e dona Maria. Manelinho não poderia partir sem antes se despedir do velho amigo, avisa:

– Constância! Estou indo até Honorato para dar até logo, volto já.

Ela, no entanto, o adverte:

– Olhe, Manelinho, o navio tem hora exata de partir, por favor, não se atrase!

– Não se preocupe – responde –, antes que ele dê o sinal de partida, estarei aqui.

Ele então sai ao encontro de Honorato. Porém, no caminho, encontra o caçador Engrácio que estava num boteco e que o convida para “matar o bicho” com uma caninha da boa. Ele tenta resistir àquele convite:

– Não posso, amigo, tenho que encontrar Honorato rapidamente, pois o navio que vamos já está quase de partida.

No entanto, Engrácio segue tentando convencê-lo em aceitar uma dose.

– Calma, Mané, essas viagens sempre atrasam. Você sabe, além do mais, ele dá sinal quando vai partir e daqui você vai ouvir perfeitamente.

Manelinho, como já não era de dispensar a uma boa aguardente, resolveu acompanhá-lo, entre um gole e outro, relembram saudosos as grandes aventuras vividas por ambos no passado.

Os minutos passam e Constância já se encontrava inquieta com a demora do marido. Então chama o Coronel Silvestre e pede:

– Pai, alguém precisa encontrar Manelinho, o navio já está quase partindo e ele ainda não apareceu! O Coronel, que tanto torcia pela felicidade daquele casal, já não concordava com as inúmeras falhas do genro. Sendo assim, adverte Constância:

– Olhe, filha, gosto muito de teu marido e minha ajuda estou lhe oferecendo para que possas se recuperar e que vocês, dessa maneira, sejam novamente felizes, pois vejo em teus olhos quanto sofres com tudo isso, mas não pretendo mais gastar o meu tempo sem obter alguma resposta de tua parte.

Constância, no entanto, o interpela:

– Mas pai, alguma coisa pode ter acontecido, ele não seria tão inconsequente a ponto de perder essa viagem!

Silvestre, ao perceber a aflição da filha, decide ajudá-la.

– Está bem, filha, vou mandar alguém ir ver o que aconteceu, mas digo a ti, se ele estiver inventando histórias, partiremos sem sua companhia!

Silvestre pede a Justino, um de seus empregados, que vá ver o que poderia ter ocorrido.

No caminho, Justino o encontra juntamente com Engrácio. Manelinho já não se aguentava em pé. Justino, por sua vez, transmite o recado do Coronel, mas ele, do jeito em que se encontrava, tinha ouvidos somente para a sua fértil imaginação.

Justino tenta de toda maneira convencer Mané a voltar com ele. Como seu apelo de nada adiantou, ele então o segura pelo braço e tenta arrastá-lo à força e, nesse vem e vai, Manelinho que segurava numa das mãos uma garrafa de pinga, tropeça e cai sobre ela. A garrafa se quebra em sua mão, fazendo um golpe bastante profundo. Justino, ao perceber que o companheiro estava sangrando muito, busca ajuda.

Honorato vinha voltando da casa de seu Leli. Ia justamente ao encontro do amigo para dele se despedir. Vendo aquele alvoroço, descobre que era o próprio o protagonista daquela confusão. Interroga o que aconteceu e Justino lhe conta.

Honorato pede que Justino deixe seu amigo sob seus cuidados, pois ele sangrava muito e seria muito perigoso que ele seguisse viagem naquela situação. O navio já apitava, dando os primeiros sinais de partida.

Constância, com os olhos presos no além, esperava angustiada a volta do marido, e a possível ideia de partir sem ele fazia seu coração se apertar ainda mais dentro do peito.

Porém, esse fato melancólico concretiza-se quando ela avista Justino chegando sem sua presença.

Justino fala do ocorrido, somente omite o fato de que Manelinho tinha se machucado, talvez para não deixar Constância ainda mais aflita. Diz somente que ele se encontrava muito chirrado e que nada pode fazer para trazê-lo de volta.

Um silêncio desolador toma conta dela, marcado pelas angustiadas lágrimas que desabavam daquelas duas lápides em que se transformaram seus olhos. Ela é consolada por dona Benta, que diz:

– Fia, o destino é quem quer assim, Deus é quem sabe de nossas vida, e se ele tá mostrando um novo rumo, vá em frente pra vê o que lhe aguarda.

Constância, com a alma repleta de tristeza, assim parte, apenas com as tristes lembranças que ficaram ancoradas no cais daquele porto.

No dia seguinte, com o sol já batendo em seu rosto, Manelinho desperta com uma tremenda dor de cabeça do porre tomado. Ele salta da rede onde dormia, começando a se dar conta do ocorrido. Percebe então que se encontrava na casa de Honorato, que o esperava acordar, com um semblante reprovador. Aflito, leva as mãos à cabeça e exclama:

– Honorato, o que foi que eu fiz?!...

– Ora, você já deve imaginar, tomou mais um porre e a consequência desta vez foi a perda da viagem! E vou dizer mais: acho que não foi só a viagem que você perdeu.

Lamentando-se por mais um ato desastroso, baixa a cabeça enquanto Honorato continua com o sermão:

– Não consigo entender, você lutou tanto pelo amor dessa mulher e agora joga fora esse amor. Eu mesmo sou a principal testemunha de toda essa história, como vocês viviam felizes. Por que você não procura voltar à realidade? Dê uma nova chance a você mesmo. Volte a ser aquela pessoa comprometida com a vida enquanto há tempo.

E assim Honorato prosseguia, tentando mostrar a seu amigo que aquele novo mundo que agora ele abraçava nada traria de positivo para sua vida.

Depois de ouvir cabisbaixo tudo que o amigo tinha a lhe dizer, justificou-se:

– Sabe, Honorato, só eu sei quanto amo Constância, o que passei por causa desse amor, as loucuras que fui capaz de fazer para conquistá-la, mas acho que nossa história chegou ao fim. O destino agora cobra seu preço, só me restando mesmo aceitar tudo isso!

E prossegue:

– É, como você já havia me advertido muitas vezes, que não se pode brincar com o destino desse jeito. Sendo assim, se ainda houver alguma chance de reconquistar Constância, dessa vez terá de ser tudo diferente. Sei que sou o único culpado por

tudo que aconteceu. Só me resta seguir, arcando com as consequências de tudo isso, não pense que vou ficar bem. Afinal de contas, vai ser muito difícil seguir sem a presença de Constância, sem a sua companhia!

– Tá certo, se você pensa assim, acho que deve seguir sua razão e vê onde vai dar. Saiba que este seu amigo vai estar sempre aqui pra apoiá-lo no que for preciso.

– Obrigado, Honorato. Obrigado pelo carinho e dedicação à minha pessoa. Vou me preparar para novos rumos sabendo que posso contar com você, meu velho amigo.

CAPÍTULO VI

SOLIDÃO DE UM PESCADOR

*Constância, tu me juraste
Constância eu te jurei
No jardim da bela rosa
Constância te namorei
Amor tanto do meu gosto
Só por morte deixarei.*

O tempo caminhava tranquilo naquela freguesia, e nada melhor que ele para cicatrizar as feridas que a vida vai deixando pelos caminhos. Apesar de ter que se acostumar com a ausência de Constância, Manelinho contava os dias para vê-la voltando e o acolhendo com aquele sorriso encantador.

Em devaneios, pegava sua canoa e ficava navegando os rios numa fuga imaginária, sem muito paradeiro.

Contava agora com a ajuda de amigos que sempre estavam dispostos em ouvir mais uma de suas estórias, pois desde que cortou a mão no acidente com a garrafa de pinga, ficou um bom tempo sem poder remar.

Sendo assim, sempre chamava alguém para acompanhá-lo fazendo o papel de timoneiro, que não deixava de ser uma honra para eles. Assim, ficava navegando, contemplando as paisagens e vendo também a peleja daquele povo que se levantava com o sol e que se recolhia com seu adeus.

CANOEIRO

*Canoeiro, canoeiro
Desce o rio vem me buscar
Hoje eu sinto saudades
Saudades de navegar
Canoeiro, canoeiro
Venha logo por favor
Enquanto as águas estão mansas
Quero ver o meu amor
Que foi pra outra margem
E até hoje não voltou
Enquanto vamos navegando, oh canoeiro
Me conta as lendas desses rios
Honorato (cobra-grande)
Dos matintas os assobios
Da neblina me lembra a morena
Deusa jovem do ribeirão
De olhar as gotas rolam em meu rosto
Ver sofrer povo sem ninho
Canoeiro, canoeiro
Obrigado amigo fiel
Que as ondas não vençam teu barco
E o vento não leve teu chapéu
Canoeiro, canoeiro
Filho desse grande rio
O balanço do teu remo
Deixa espumas nos caminhos. *****

Depois que resolveu dar um novo rumo a sua vida, Manelinho encontrava-se mais equilibrado, mais tranquilo, fato que conseguira com o apoio do amigo Honorato. Ele dava prosseguimento a essa nova fase deixando-se seguir pelos rumos que seu coração lhe mostrava, saindo então daquela vida formal que passou a viver quando se juntou à Constância.

Assim ele voltava aos velhos hábitos que sempre lhe dera muito prazer. Ele acreditava que se um dia houvesse um recomeço rumo ao coração da mulher amada, ambos teriam de respeitar o jeito de cada um; a maneira que ambos tinham de ver a vida. Ele, no entanto, nessa nova trajetória adquire um novo hábito que para muitos não estava de acordo com as regras comportamentais de um bom moço, o que era visto até com certo preconceito, mas ajudou a torná-lo ainda mais conhecido do que já era.

Se antes gostava de sentir prazer em suas pescarias, em suas histórias fantasiosas, agora se tornava também o maior apreciador de aguardente das redondezas. E quando se encontrava sob seu efeito, sua imaginação tornava-se ainda mais fértil, fato que causava espanto e curiosidade àquele povo, sem saber de onde ele tirava tantas histórias incríveis.

Um mês e dez dias se passaram desde que Silvestre levou a família em viagem pela Europa.

Constância, apesar da saudade que sentia de seu marido, era visivelmente uma nova mulher, aproveitava cada segundo daquelas divertidas férias. A alegria agora era sua melhor companheira, e, como pessoa extrovertida que era, encontrava-se de novos amigos.

Constância recebe o convite para ficar uma temporada na França e dar prosseguimento aos seus estudos, fato que era comum nessa época próspera da borracha em que os coronéis mandavam seus filhos para fora do país, com o intuito de torná-los doutores; no entanto, nada comum entre as mulheres. Mas Constância, que sempre estava à frente de seu tempo, vê a ideia

com naturalidade, opinião que também era compartilhada por seu pai, talvez por ser ela a única herdeira de seus negócios.

Silvestre, no entanto, apesar de achar aquela ideia boa para o futuro da filha, já começava a sofrer por antecipação, com sua possível ausência. Ela, por sua vez, também se angustiava em ver-se longe, não só de seu pai e de mãe Benta, mas também daquele que continuava sendo uma das razões de sua alegria.

Sendo assim, Constância ficava de certa forma dividida. Porém, todos achavam que ficar na Europa seria a melhor decisão a ser tomada por ela.

O Coronel Silvestre, que tanto amava a filha, deixava essa decisão em suas mãos, pois afinal ainda era casada com Manelinho, e um devia ao outro, pelos laços firmados, respeito e consideração. Chegaram então à conclusão de que Constância deveria regressar e conversar com o esposo, e só depois decidir se ficaria com ele ou retornaria para a França.

Ao desembarcar, Constância mal contém a ansiedade de rever a todos, principalmente Manelinho. Porém, já na sua chegada, tem uma nova decepção ao perguntar por ele, pois alguém diz que o teria visto bebendo num boteco. Ela, tomada por uma profunda tristeza, segue para casa.

A notícia da chegada da família de Silvestre logo chega aos ouvidos de Manelinho. Ele, movido pela grande saudade da mulher amada, parte rumo a casa dela, já meio truívisco.

Ao vê-la, sente uma incontida alegria invadindo seu peito. Fitam-se por alguns segundos e abraçam-se calorosamente, regados pelas lágrimas que deslizavam sobre seus rostos.

Manelinho, com a mente ainda toldada pelas excessivas doses tomadas, tropeçando nas palavras, exclama emocionado:

– Constância! Constância! Como sofri com sua ausência! Pensei em você todos esses dias, a cada segundo! Peço-lhe perdão por tudo ter dado errado e de não ter viajado com você, e...

Mas, nesse momento, Manelinho, envolto por todo aquele sentimento, é interrompido por ela que diz:

– Calma, calma, falaremos sobre muitas e muitas coisas que merecem também atenção, mas não nesse momento.

Certamente, Constância não queria estragar aquele reencontro com problemas que poderiam ser tratados em outra ocasião. Assim, os dois seguem falando a respeito de coisas que cada um viveu, dos dias que passaram separados, e as horas tornaram-se curtas para aquele casal que tantas novidades tinham pra contar um ao outro.

Quando o sol no horizonte dava seu último adeus, Manelinho diz à Constância que partiria e que pela manhã voltava para ter uma conversa com Silvestre, mas nesse momento ela o interpela:

– Você não acha que deveria ficar? Aqui também é sua casa. Assim teria a noite toda para conversar com papai.

– Obrigado, Constância, mas não me sentiria bem, pois tenho de dar muitas explicações. Amanhã volto para falarmos, não só com ele, mas também com você, afinal lhe devo também muitas desculpas. Não me sentiria à vontade se, antes de retratar-me, ficasse aqui como se nada tivesse acontecido.

Manelinho tinha grande apreço por Silvestre, afinal ele sempre o tratou como um próprio filho e a ele devia muito respeito.

No dia seguinte, ele volta logo cedo à casa da família. Quem o recebe é mãe Benta, com toda sua alegria. Após dar-lhe um grande abraço, ele pede a ela para chamar o sogro.

Silvestre, ao vê-lo, não deixa de expressar felicidade, abraça-o e pede que ele fique à vontade.

E assim, aquele pescador começa a tentar desculpar-se de suas falhas perante o sogro.

– Sabe, Silvestre, em primeiro lugar, sei que desculpas são meras formalidades diante de tudo que até agora já fiz de errado

envolvendo sua família. Apesar de não ter sido essa minha intenção, acabei envolvendo a todos em meus atos inconsequentes, atos esses que colocaram em risco aquilo que mais estimo nessa vida, minha esposa.

E prosseguiu:

– Quero que saiba também que sempre considereí o senhor como um verdadeiro pai. Acolheu-me, deu-me carinho, respeitou-me, e estou de certa forma jogando tudo isso fora, e me envergonho muito por tudo que tenho feito...

Silvestre, aproveitando a pausa, dirige-se a ele dizendo:

– Agradeço-lhe pela consideração e é bom saber que você reconhece seus erros e não sou eu quem vai julgá-lo. Todos têm suas falhas. Mas quero que saiba que só trouxe minha filha de volta porque ela insistiu muito em querer revê-lo. Afinal, vocês ainda são casados. Mas, por minha vontade, ela não teria vindo agora, iria continuar por lá, apesar da imensa saudade que iria sentir, e assim dar prosseguimento aos seus estudos, como é minha vontade e a dela também.

Ele continua:

– Só não entendo o porque desta sua mudança tão intensa. Sei que essa trágica história que vivemos abalou muito a todos, mas já era hora de você também ter aceitado essa situação...

Manelinho, que se encontrava bastante atento às palavras de Silvestre, resolve abrir seu coração e contar o que para ele era o grande segredo de sua vida:

– Bem, Silvestre, vou lhe contar um segredo que trago comigo, segredo esse que ajudará o senhor a entender melhor tudo isso que se passou em nossas vidas.

E assim, relata todos os passos que deu para chegar ao amor de Constância.

Silvestre, a princípio, ficou pasmo ao ter conhecimento de tudo aquilo, e na dúvida se acreditava ou não naquela história, porém não o condenou. Pois ele, que muito já tinha amado um

dia e também sofrido bastante quando perdera esse amor. Sabia o que um coração apaixonado seria capaz de fazer e reconhece em Mané mais uma característica interessante.

Se realmente ele fez mesmo tudo aquilo pelo amor de sua filha, isso só fazia provar quanto ele a amava.

Então diz que Manelinho é senhor de seu destino. Deveria conduzi-lo da melhor forma que conviesse, e mais, que ele procurasse sua filha e lhe relatasse também tudo aquilo, para que, juntos, encontrassem um caminho que fosse melhor para ambos, pois somente dessa forma, sem segredos e mentiras, poderiam, talvez, reconstruírem novamente aquela bela paixão que outrora fora tão intensa.

Depois de ter com Silvestre, Mané vai até Constância e a convida para dar um passeio, e assim colocarem as pendências em dia. Depois de muita conversa, ela fala de sua intenção de passar um tempo em outro lugar e convida Manelinho a acompanhá-la. Ele, porém, não acha a ideia agradável e dá sua opinião a respeito:

– Olhe, Constância, não me consigo ver longe deste lugar que tanto aprendi a amar. Já estive em muitos lugares diferentes, já vi muitas maravilhas por esse mundão de meu Deus, e hoje não me vejo mais longe destas terras. Aqui é meu lar..

Reflexivo, para um pouco, suspira e continua:

– Sabe, quando penso em deixar toda essa exuberante natureza, essa vida simples e agradável, os amigos maravilhosos que tenho, para ir a um lugar onde não conheço ninguém, onde tudo é muito estranho e frio, me dá uma tremenda angústia.

– Ora, homem, a gente se adapta a outras situações. Eu mesma achei muito estranho quando cheguei naquelas bandas, onde tudo era muito diferente. Depois fui pegando gosto, conheci muitas pessoas e já me vejo voltando e ficando por lá durante algum tempo. E, afinal, tenho de dar esse gosto também a papai!

Nesse momento, Mané começa a perceber que seu mundo tornava-se realmente muito diferente do de Constância. Ele não

tinha coragem de estragar os sonhos da mulher que tanto amava. Por outro lado, não se via longe daquela vida que escolhera e que tanto lhe proporcionava alegrias.

Assim, com tantas evidências de que aquele amor se distanciava a cada instante, ele se convenciu ainda mais de que tudo aquilo era fruto de um encanto que aos poucos se desfazia e, apesar de estar seguro quanto a sua decisão de não ir, diz à Constância que iria pensar com carinho naquela proposta.

Constância chama Manelinho para juntos visitarem o local onde estava sepultado seu filho. Os dois então, de mãos dadas, seguem o caminho que levava àquele pequeno jazigo.

Chegando lá, encontraram em volta muitas e variadas flores, deixadas pelas inúmeras pessoas que por lá passavam fazendo homenagem. As flores harmonizavam e enfeitavam aquele lugar, porém uma delas, que se encontrava bem no centro daquela lápide, chamou-lhes a atenção.

Era uma arvorezinha contendo muitas pétalas em tom lilás. Essas flores eram bastante diferentes das demais.

O casal ficou por longos minutos contemplando aquela beleza, lembrando do tempo em que a felicidade iluminava seus sorrisos.

Sensibilizados por inúmeras lembranças, de seus olhos escaparam algumas lágrimas. E foi nesse momento que algo muito curioso aconteceu.

As lágrimas, ao tocarem aquelas flores lilases, faziam com que elas descolorassem, tornando-as então brancas, e assim, aos poucos, se formou um lindo e encantador matiz, nos tons lilás e branco.

A admiração foi intensa.

A partir daquele instante, eles passaram a acreditar que algo de sobrenatural teria acontecido. Daquele dia em diante, todas as flores que nasciam passavam a ter o mesmo destino: lilás ao

nascer e, no decorrer dos dias, perdiam suas cores tornando-se todas brancas.

Não demorou muito para que a notícia daquela alquimia espalhasse e rapidamente ultrapassasse as fronteiras do vilarejo. Muitas pessoas vinham de longe para contemplar a exuberância e a delicadeza das flores.

Manelinho acreditava que aquilo tudo teria sido um sinal, uma espécie de elo entre o céu e a terra. E essa manifestação da natureza, para ele, traduzia-se em perdão pelos erros que acreditava ter cometido. Com isso, sentia-se livre por completo de seus pecados. E, redimido, preparava-se para uma nova fase de sua caminhada.

* * *

A decisão tomada por Manelinho, como já foi dito, foi a de que seria preciso dar um tempo a toda aquela situação enrolada em que tinha se metido. Pretendia até mesmo ficar longe de sua amada Constância, para assim recomeçar tudo de novo. Trazia agora consigo a certeza de que poderia ser capaz de reconquistar, sem artimanhas ou artifícios, a confiança e o amor daquela linda mulher, fazendo-a feliz novamente, só que agora não mais maculando aquele Mané que muitos aprenderam a gostar e admirar e que teria ficado, de certa forma, preso num passado duvidoso.

Voltando à magnitude daquela adorável flor, os moradores da região batizaram-na pelo nome de Manacapuru, que, segundo a língua do lugar, seria esse seu significado: manacá: flor e puru: matizada ou enfeitada.

A partir daí, também aquele lugar passou a ser chamado pelo mesmo nome, apesar de registros históricos apontarem que, desde a sua origem, ela já trazia o nome de: **Freguesia de Nossa Senhora de Nazareth de Manacapuru**, onde seus fundamentos

foram o aldeamento dos índios Mura. As controvérsias ficam por conta de nosso querido Mané.

Outro fato bastante interessante foi o da homenagem que os moradores passaram a fazer a seus entes queridos. As mortalhas que enfeitavam os caixões das pessoas que morreram daquele dia em diante tinham como enfeite essas cores: lilás e branco devido a grande harmonia, serenidade e paz que elas transmitiam, e também por acreditarem que as flores representavam um elo entre o céu e a terra, simbolizando um novo começo para os que partiam para outra dimensão.

Constância, com o passar dos dias, estava mais convencida de morar em outro país. Ela também acreditava que, apesar das evidências, num último momento o esposo poderia mudar de opinião e partir com ela, e juntos terem a chance de viver uma nova história.

Ele, entretanto, arrepiava-se só de pensar em afastar-se daquele lugar que tanto aprendera a amar, de deixar, por exemplo, aqueles rios, que lhe desafiavam com seus mistérios e encantos, e que lhe proporcionavam um de seus maiores prazeres, suas pescarias.

Deixar aquelas matas, onde sempre que desejava ouvir uma sinfonia, bastava fechar os olhos e deixar-se levar pelos acordes que a natureza, como maestrina, executava com delicadeza.

Deixar de contemplar aquele límpido céu, onde o arrebol, com seu purpúreo manto celeste proporcionava-lhe a sensação de paz, de harmonia e elevação espiritual.

Aquela terra, para aquele pescador, se tornava assim toda a sua existência, toda a sua riqueza.

IMENSO NINHO

*Brilha a esperança da flor, brota a semente e o fruto
Canta cunhã, nossa rosa mais linda
Acorda mãe, mata, vida
Coaraci desperta o amanhã, anuncia um novo dia
Iaci se despede na última lágrima
Que cai na raiz pra ressuscitar*

*É tão difícil o poeta expressar
Tanta imensidão que reluz seu olhar*

*Canta sabiá, nesse imenso ninho
Chuva vem molhar, adormecer nesses rios
Ventos vão levar esperanças mil
De em fim findar, teu sofrer mudo, frio*

*Rompe no horizonte o arrebol, purpúreo manto celeste
Traduz a paz o amor a união, anseios de minha nação
Coaraci desperta o amanhã, anuncia um novo dia
Iaci se despede nas últimas lágrimas
Que cai na raiz pra ressuscitar. ****

Nosso querido Manelinho, assim como havia entrado sorrateiramente, afastava-se, dia após dia, da vida de Constância, apesar de seu coração sofrer incontinentemente com tudo aquilo. Mas esse foi o caminho escolhido por ele para um possível recomeço.

Quando soube da chegada do *Loyd Jennyfer*, o navio que certamente levaria Constância, Manelinho deixou uma carta de despedida e deu um jeito de desaparecer, pois aquele caboclo não suportaria despedisse daquela mulher que um dia domou e acalentou seu coração.

Constância, ao ler as linhas deixadas por Mané, chorou comovida, pois nelas estava escrito, além das tantas palavras de ternura e carinho, também toda aquela atrapalhada história rumo a seu coração.

E, por conseguinte, o porque do grande amor que existia entre os dois estar assim, abalado e sem direção. Ele não teria desistido de seu amor e a aguardaria voltar e num possível reencontro, viveriam novamente felizes, pois o tempo iria ditar essa trajetória.

Constância, ao terminar de ler as palavras deixadas pelo marido, permitiu-se até sorrir diante de tão atrapalhada história e, suspirando, disse:

– Ah, meu querido, como você é atrapalhado, como você é único, meu amor!...

E guardou aquela missiva com bastante carinho.

No dia da partida de Constância, seus amigos, como da primeira vez, acompanharam-na até o porto.

Ela, com os olhos em lampejos, procurava a figura de seu amado pescador. Ele, no entanto, fez o que achava ser correto, não dando o ar de sua graça, fato que a deixou com o coração ainda mais machucado, pois tinha grandes esperanças de que ele fosse pelo menos dar seu adeus.

Na hora marcada, o navio desatracou-se do porto e saiu apitando em despedida. Aquele som fúnebre, que rasgava o ar, deixava um quê de saudade nos corações de quem ia e de quem ficava. Constância, bastante sorumbática, dava com a mão a todos em despedida.

Todavia, quando o navio dava a volta para pegar o estirão de rio, Constância avista, em meio às canaranas, uma pessoa parada em uma canoa, longe observando. Ela reconhece aquela silhueta, era Manelinho que, ocultando-se, também se despedia desejando sorte a seu grande amor envolto em melancolia.

Constância balança seus braços freneticamente em sua direção. Ele, por sua vez, ao perceber que fora reconhecido por ela, tira o chapéu da cabeça dando seu triste adeus. E assim, os dois fitam-se até desaparecerem seus vultos no além, corroídos de tristeza.

** fim **

EPÍLOGO

Aqueles que por alguma razão não acreditarem nesse relato da maneira que foi escrito, saiba que, se ele é verdade não se sabe, pois a imaginação é quem comanda e conduz cada um. Só existe uma certeza: foi ele, *Seu Manelinho*, quem contou!

SEU MANELINHO

*Traz o remo, a malhadeira,
a poronga, a arpoeira, a gaponga
desalaga a canoa
seu Manelinho vai pescar (bis)
vai pescar seu Mané
Traz a pinga, a cachaça, o mé,
manda ver no gargalo
um trago pro santo
outra dose pro seu Mané,
seu Manelinho já chegou
já chegou seu Mané
Ele dança chirrado, ele canta chirrado
ele pula chirrado
seu Manelinho já ficou lombrado
seu Manelinho já ficou matizado (bis)
Ele conta que andou pelo mundo
viu muitas coisas e que não tem medo de nada*

*conta até que num igarapé
viu um vudu montado num pirarucu
se é verdade, não sei
foi seu Manelinho que contou.***

Os moradores daquela alegre e pacata terra, baseados nessa aventura vivida por Manelinho, e também em homenagem aos outros moradores ilustres que protagonizaram esta história, todo o final do mês de agosto, mês do casamento de Manelinho e Constância, passaram a juntar-se em uma grande festa, puxando uma grande roda, cirandeavam a noite toda.

Esses personagens – *Manelinho, Constância, Mãe Benta, Honorato, Carão, Caçador* e outros mais que direta ou indiretamente tiveram participação neste romance, passaram a ser os atores principais daquela divertida dança que a cada ano ganhava mais força, firmando-se então como sustentáculos dessa brincadeira de roda.

Essa expressão que denominaram de Ciranda ultrapassou o tempo e, ainda hoje, ganha as ruas dos municípios amazonenses, compondo o imaginário do povo. Dentre eles se destaca o município de *Manacapuru*, que todo ano, procurando não perder a principal essência da brincadeira e que, segundo Manelinho, teria sido um dos principais palcos dessa expressão, inova essa brincadeira, introduzindo novos elementos que marcaram a vida do Estado amazonense ou até mesmo do país.

A cidade de Manacapuru, no mês de agosto, divide-se em três. Cada morador escolhe a sua ciranda de coração: *Flor Matizada, Guerreiros Mura ou Tradicional* – e vai às ruas defender suas cores num espetáculo cada vez mais envolvente que rompe fronteiras.

“MAMIRAUÁ PORANGA RETANA”

*Por entre os capins-canaranas
Nos igapós vou adentrando
Sentindo o cheiro bom de gratidão
Os homens que habitam essas terras
Que são rios, que são florestas
Também te convidam a conhecer
Conhecer a beleza e a harmonia
Os encantos desses lagos e os mistérios que são seus
Conhecer o revoar livre dos pássaros
Que gorjeiam alegremente a vida que lhe deu o deus
Vê a flora, conhecer comunidades
Conviver com ribeirinhos e aprender com suas lições
São caboclos, moradores dessas terras
Que trazem na consciência o sentido de preservação
...Eu vou abrir meu lar, te convidar pro jantar
Saborear tabaqui, pirarucu, mapará
Te mostrar o sabor, do buriti, guaraná
E o vinho de apuruí, prazer igual não há...*

*Assim, entrelaçados pelos sonhos
Seguem juntos com alegria os atores deste chão
Nos convidam, com a maior serenidade
A preservar esses encantos
Que são meus e que também são seus
“Mamirauá poranga retana” **

- * Dermilson Andrade
- ** Dermilson Andrade e Sidney Seixas
- *** Dermilson Andrade e KK Rebolças
- **** Geraldinho Dângelo
- ***** Sidney Canabuoca



GRÁFICA
MODERNA
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

Este livro foi impresso em Manaus pela Gráfica
Moderna – o miolo e capa – foram feitos pela
Cultura Edições Governo do Estado

CONSTÂNCIA, COMO TODA JOVEM
DE SUA IDADE, tinha sonhos e
devaneios românticos. Sonhava que
um dia apareceria em seu caminho um
belo e destemido cavaleiro, que seria
dono de seu coração e a levaria pelos
caminhos dos sonhos e da paixão. E
assim ficava horas com o olhar perdido
no além, à espera desse grande amor.



Poderíamos até dizer que essa estória se confunde com muitas outras que já conhecemos, mas o que é posto aqui é a sensibilidade de Dermilson Andrade que estreia com esse livro, trazendo para mais perto de nós não só dois grandes personagens de ciranda, mas também a competência de dar vida pessoal e social a cada um deles e seus coadjuvantes, fazendo-se conhecer com suas emoções, temperamento, comportamento, sentimento, corpo e alma.

O texto é de uma rara leveza, nos permite, através de suas imagens, visualizar a aquarela do cenário amazônico, calmo, límpido, deslumbrante, mas paradoxalmente enigmático.

Não podíamos esperar algo diferente das mãos de um cirandeiro, já contávamos com uma obra que tem a serenidade de uma alma cabocla.

Elival Morais



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA